
GESTÃO E TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO NA SOCIEDADE TECNOLÓGICA

OTHON JAMBEIRO

Diretor do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia

Na sociedade global a moeda forte é a informação disponibilizada de forma universalmente acessível, *just in time*. As mudanças daí decorrentes terão enorme impacto nos modos de aprender e fazer do ser humano. A revolução da informação poderá modificar de forma permanente a educação, o trabalho, o governo, os serviços públicos, o lazer, as formas de organizar a sociedade e, em última análise, a própria definição e entendimento do ser humano. A nova sociedade caminha para a multidisciplinaridade, flexibilidade operacional, velocidade, precisão e pontualidade da informação. A humanidade está entrando na era da socialização da informação e da democratização de seu acesso.

Na base tecnológica das mudanças tem estado um intenso desenvolvimento científico e tecnológico que, desde os anos 70, vem apontando fortemente para a convergência entre a eletrônica, a informática e as comunicações. Como consequência lógica da expansão internacional do capitalismo, esses setores industriais e de serviços foram envolvidos no processo geral de conglomeramento e internacionalização das empresas e de globalização dos mercados. Privatização e liberalização tornaram-se tendências aparentemente incontornáveis em todo o mundo. Em consequência, a economia política do setor da informação e das comunicações passou a sofrer dramáticas mudanças, particularmente no que se refere à composição do capital e controle das empresas. A re-regulamentação da prestação de serviços de informação e comunicações passou a amplificar e expandir a lógica mercantil na área e a excluir normas e controles estatais e sociais que pareciam consolidados.

O conteúdo dos serviços de comunicações, isto é, a informação – aqui compreendido como dados, notícias, literatura, imagens, sons – começou a ser tratado de ma-

neira tecnológica e economicamente igual. Não importa a natureza da informação, a tecnologia necessária para transformá-la, editá-la, transportá-la ou armazená-la é a mesma, embora em certa medida persistam métodos e qualificações diferenciados para os processos de concepção e produção de serviços e produtos. Serviços e produtos estes que passaram a submeter-se aos processos de apropriação típicos das estruturas econômico-financeiras da sociedade.

No que se refere às práticas profissionais, novas funções surgiram e outras continuam surgindo, ligadas à intercessão de diferentes áreas do conhecimento. Entre estas práticas novas estão: monitoramento tecnológico; engenharia do conhecimento; documentação técnica para certificações de qualidade; navegação dentro de recursos eletrônicos; participação e montagem de hipertextos e programas inteligentes, editoração eletrônica; gerenciamento e administração de múltiplas áreas de informação e comunicações.

A tendência no campo da informação indica o advento de grandes bancos de dados interligados em redes nacionais e internacionais, em associação com seletivos serviços personalizados, voltados para usuários de interesses específicos. Isto está determinando o surgimento de um novo profissional – o gestor de recursos informacionais – com o perfil de estrategista, com capacidade de compreender, analisar, criticar, captar e interpretar a realidade, em função do conhecimento disponível em suportes diversos, inclusive virtuais, e apresentado sob a forma de eventos, notícias, idéias, debates, conferências, documentos ou o que seja.

A essência do trabalho deste profissional, não importa o título dado a ele, deve, portanto, ser a organização e a disponibilização do conhecimento e não apenas a orga-

nização de dados ou informações. Por isso ele precisa saber como localizar, captar, selecionar, organizar, transformar e disseminar, pelos meios disponíveis, no tempo certo, o conhecimento desejado. Em outras palavras, ele deve saber o que se quer, como e quando, de acordo com o interesse da instituição em que trabalhe, suas metas, objetivos e contexto no qual está envolvida, provendo informações relevantes de acordo com suas demandas.

Este texto tenta situar as redefinições de práticas profissionais no âmbito da informação, por força da convergência tecnológica que se verifica nos campos da informática, eletrônica e comunicações. Convergência que se dá num contexto condicionado por: expansão do pensamento liberal e da economia de mercado global; aumento vertiginoso da necessidade de informações e conhecimento específico nas diversas áreas do saber e da produção; desenvolvimento incessante e convergente das tecnologias das áreas de comunicações, eletrônica e informática; e conglomeração de corporações industriais/comerciais nacionais e multinacionais do setor de serviços de comunicações e informação.

INFORMAÇÃO COMO RECURSO ESTRATÉGICO

É largamente aceito que a futura sociedade da informação tende a ser caracterizada por enorme diversidade – e maior número – de oportunidades individuais. As pessoas terão crescentemente aumentada a possibilidade de poder controlar e modelar suas vidas. Na verdade, a presunção mais comum entre os que acreditam que as novas tecnologias de informação e de comunicações têm alto potencial de transformação da sociedade mundial, vai bem mais além. Afirma-se que a implementação das estratégias nacionais e multinacionais em curso levarão a um modelo de sociedade composta de indivíduos gastando a maior porção de seu tempo em frente a um terminal de computador, pelo qual ouvem música, vêem TV, navegam na Internet, comunicam-se com quem jamais viram, obtêm dados sobre qualquer coisa que lhes interesse. Esta é a mais difundida visão de futuro da humanidade.

O conceito de sociedade mundial não anula, contudo, a existência de sociedades particulares, estados-nações com cultura, tradições e etnia próprias. Pelo contrário, defende-se a crença de que haverá tantas sociedades da informação quantas sejam as sociedades. Isto porque cada sociedade querará e deverá usar as novas tecnologias e oportunidades de serviços para suas específicas necessidades prioritárias, e assim construir seu futuro. A construção de uma abrangente sociedade mundial da informação implicará a expansão das oportunidades de cada sociedade particular para realçar sua distinção.

Tudo isto dependerá de uma enorme infra-estrutura montada no âmbito mundial, sobre plataformas nacionais, integradas ou não, econômica e/ou culturalmente, em macrorregiões. Esta infra-estrutura tem pelo menos quatro componentes fundamentais:

- sistema de telecomunicações, que está passando por alterações estruturais em todo o mundo, exatamente em função da sua importância estratégica para o desenvolvimento da humanidade. Somente um sistema de telecomunicações com avançadas possibilidades interativas poderá permitir a construção de uma *worldwide information superhighway*, necessária e mesmo vital para a consolidação não só de um mercado internacional, mas ao mesmo tempo de uma sociedade civil. Não importa a natureza do produto, se material, se virtual, se político, se econômico, se ideológico, se científico, se literário, tudo tende a circular, incontrolada e incontrolavelmente, por esta via universal de informação;

- sistema de produção, classificação, catalogação, indexação, disseminação, análise e seleção da informação, constituído de recursos humanos plenamente capacitados a estas funções e profundamente inseridos no domínio das tecnologias de informação e telecomunicações. Normas, rotinas, manuais – todo o conhecimento hoje constitutivo da chamada Ciência da Informação – terão que ter seus padrões renegociados em âmbito mundial, de tal forma que a indexação, a classificação, a catalogação, por exemplo, obedeçam a uma linguagem e a um método universal;

- sistema de produção de hardwares e softwares, possibilitadores do funcionamento integrado da rede mundial de informações. Este sistema tem sido até agora – e deverá continuar a sê-lo – o grande propulsor do desenvolvimento de novas tecnologias aplicadas à produção e disseminação de informação e às telecomunicações;

- finalmente, políticas de governo e das indústrias, articuladas nacional e internacionalmente. Na atualidade – momento em que damos os primeiros passos rumo à sociedade da informação e das comunicações – estas políticas parecem ainda, por um lado, dispersas e, por outro, guiadas pelos tradicionais vícios do imperialismo e do colonialismo. Porém, o que se propõe é que passem a visar a evolução das sociedades da informação por um caminho em que o resultado alcançado reflita as circunstâncias, prioridades e valores de cada sociedade, dentro de um quadro de cooperação e compatibilidade internacionais.

A visão estratégica da indústria indica que, embora serviços de entretenimento devam se manter e mesmo se expandir como importantes mercados no próximo século, os maiores benefícios para as sociedades deverão advir

da aplicação das novas tecnologias na economia, o que deverá transformar os tradicionais métodos de operar grandes e pequenos negócios, agências de governo, organizações de educação e saúde, possibilitando aos cidadãos obterem serviços mais eficientes e eficazes. O começo disto já se deu em alguns setores da economia, como os bancos, por exemplo; e a largos passos está se iniciando na educação não-formal, principalmente através de cursos e atividades de treinamento a distância ou *computer assisted*.

A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E DAS COMUNICAÇÕES

Qualquer análise dos sistemas contemporâneos de comunicações e informação requer que estes sejam colocados dentro de um contexto determinado principalmente por: crescente transformação de mercados locais para nacionais e internacionais; convergência de comunicações, informática e eletrônica; e expansão de políticas de regulamentação e privatização. Além disso, a intensificação da ideologia de mercado aplicada tanto aos bens culturais quanto aos econômicos, aliada à inovação em cabos de fibra ótica, tecnologias digitais e de satélite, tem dado suporte à internacionalização dos sistemas de Informação e Comunicações e de sua propriedade.

O conseqüente declínio da soberania nacional, além de forçar um fundamental repensamento da clássica teoria do direito de informação – que vê os sistemas de produção e difusão somente dentro da estrutura de estados-nações –, determina três posturas críticas:

- leva a que se considere o poder das empresas de Comunicações e Informação organizadas globalmente;
- relembra a importância do crescente impacto dos acordos legais e políticos supranacionais;
- revela o lento e delicado desenvolvimento de uma sociedade civil internacional (Keane, 1991).

Globalizadas e conglomeradas, as empresas de comunicações, informática e eletrônica – tanto as produtoras de bens materiais quanto as de serviços – têm a cada dia mais forte presença nas transações comerciais e financeiras nacionais e internacionais. Independentemente de leis e normas governamentais, ou mesmo estimuladas por eles, um mercado mundial de empresas destes convergentes setores industriais foi estabelecido e a propriedade concomitante de variadas e numerosas delas, independentemente da base original de engenharia e insumos de cada qual, tornou-se uma comum e normal situação.

O ambiente competitivo tem provocado muitos realinhamentos organizacionais, com redes de TV aberta investindo em TV a cabo e vice-versa; redes de TV a cabo

investindo em produtoras de programas; estúdios comprando estações de rádio e TV; empresas produtoras de hardware e software investindo em serviços de telecomunicações e vice-versa; provedores de serviços de informação associando-se a empresas de rádio e TV, editoras e mídia impressa; e também grandes e multifacetados complexos de informação e entretenimento fundindo-se entre si. Como uma conseqüência das fusões e alianças empresariais no setor de comunicações, informação e eletrônica, ocorridas nas últimas três décadas, muitas companhias estão agora ligadas a setores nucleares do capital industrial e financeiro. Uma ligação que coloca dois graves problemas: primeiro porque ela tem aumentado o poder de uma não representativa elite capitalista no controle da distribuição de informações e idéias em uma escala sem precedentes na história da humanidade; e segundo porque seu crescimento tem sido acompanhado por uma erosão dos processos competitivos, os quais, anteriormente, numa limitada mas ainda assim importante maneira, tornavam as empresas de comunicações e informação relativamente transparentes (Curran, 1991).

Constata-se ainda que o desenvolvimento da Informática, das Comunicações e da Eletrônica está permitindo uma explosão mundial na produção e circulação de informações de toda natureza (dados, imagens, sons, notícias, mensagens privadas, etc.) via cabo, satélite, ondas hertzianas e suportes materiais como disquetes, discos óticos, videotapes, etc. Tudo isso mais a concepção e produção de evoluídos equipamentos multimídia têm aperfeiçoado e expandido as possibilidades de o consumidor escolher, acessar e usar programas, serviços e informações. Prevê-se que, assim como os anos 90 têm sido a década da internacionalização da indústria das telecomunicações e das comunicações em rede, aumentando o uso do telefone e serviços a ele ligados, nos primeiros anos do terceiro milênio as indústrias da Informática, Comunicações e Eletrônica deverão se consolidar como os principais motores do desenvolvimento econômico, social e cultural.

Esta nova base tecnológica é considerada possibilitadora e estimuladora da desmassificação das audiências, podendo levar a uma crescentemente diversificada produção cultural, cujo público-alvo será não mais uma massa informe, mas sim numerosos e distintos fragmentos da audiência geral. A tese que se projeta é a de que, sendo tecnologicamente possível – embora não ainda economicamente, em função da evidente desigualdade entre povos, países e classes sociais – a cada cidadão solicitar informação e entretenimento diretamente de um cardápio previamente conhecido, poderemos evoluir para uma tal variedade de multiestratificados produtos simbólicos que os mídia perderão sua original natureza de meios de massa. Agindo ao mesmo tempo como parceira e adversária dos

conglomerados de Comunicação, a nova base tecnológica poderá, portanto, permitir aos vários segmentos da audiência geral que achem um lugar mais ativo e influente na produção e consumo de bens culturais e na circulação da informação.

O fenômeno da conglomeração nos setores de Informática, Eletrônica e Comunicações, impulsionado pela dinâmica e racionalidade da economia capitalista internacional, tem levado também as corporações a interconectarem tecnologias, cujos limites de convergência não podem ser ainda previstos. Esta é uma das razões pelas quais a estrutura das indústrias de Comunicações, Eletrônica e Informação – e seu status legal e institucional nas políticas públicas – tem estado em acelerado processo de mudança.

Esta interconexão vem eliminando os limites entre os processos e os produtos daquelas três indústrias, tornando-os solidários em termos operacionais, e erodindo as tradicionais relações que mantinham entre si e com seus usuários. O telefone, por exemplo, que era usado apenas para comunicação direta entre duas pessoas, há mais de duas décadas vem sendo combinado com televisão e radiodifusão em geral, para fazer transmissões ao vivo, e mais recentemente com computadores, para fazer transferências de dados, informações e conhecimento. Ele pode também ser usado em reuniões e conferências eletrônicas e na distribuição doméstica e simultânea de programas de televisão.

A tecnologia digital torna possível o uso de uma linguagem comum, através da qual os diversos produtos simbólicos libertam-se de seus tradicionais meios de transmissão. Um filme, uma chamada telefônica, uma carta, um artigo de revista podem ser transformados em dígitos e distribuídos por cabo ou satélite ou ainda por via de um meio físico de gravação, como uma fita magnética ou um disco. Além disso, com a digitalização, o conteúdo torna-se totalmente plástico, isto é, qualquer texto, som, ou imagem pode ser editado, mudando de qualquer coisa para qualquer coisa.

A convergência tecnológica cancela, com efeito, a validade de fronteiras entre diferentes tipos de serviços de informação e suprime as linhas divisórias – até agora consideradas naturais – entre informação privada e de massa, entre meios baseados em som e em vídeo, entre texto e vídeo, entre as imagens baseadas em emulsão e as eletrônicas, e mesmo a fronteira entre livro e tela (Smith, 1991). Uma das maiores conseqüências disso é a observável tendência de integração entre diversos aspectos das políticas públicas para Informática, Eletrônica e Telecomunicações e alguns aspectos das políticas relativas à educação e à cultura. A imprensa, a indústria gráfica, o rádio, a televisão, a biblioteca, a sala de aula, o computador, o scanner, o videoprojetor, a Internet, o fax, o CD

estão ficando mais interconectados e interdependentes, de tal forma que uma política de governo para um deles pode ter significativas implicações para os outros.

O outro aspecto da equação é a crescente “desumanização” dos ambientes de trabalho, particularmente cruel na sua tendência de produzir cada vez mais, utilizando cada vez menos recursos humanos. Nos Estados Unidos, por exemplo, as 500 maiores companhias industriais reduziram seus quadros funcionais em 3,4 milhões de empregados durante os anos 80 (Ball, 1993). Segundo declaração de Michel Candessus, na abertura da 48ª Assembléia Anual do FMI, em outubro de 1993, em Washington, os países industrializados tinham então 32 milhões de desempregados, três milhões a mais do que em 1983 (Jornal da Ciência Hoje, 02/10/93).

Na chamada “Sociedade da Informação”, ou “Sociedade Tecnológica”, parece estar ocorrendo um fenômeno similar àquele verificado durante a revolução industrial: a redução de energia humana necessária para manipular os materiais usados na produção de bens e serviços. Também hoje o trabalho humano está sendo removido de crescente número de tarefas que podem ser feitas por máquinas, por preço mais baixo e de maneira mais rápida e acurada. Agora, entretanto, o problema é muito mais sério porque computadores podem substituir os seres humanos mesmo no que se refere à manipulação e ao controle de outras máquinas complexas.

A GESTÃO DA INFORMAÇÃO E DAS COMUNICAÇÕES

A expansão dos suportes técnicos na área da Informação, Eletrônica e Comunicações tem levado ao aparecimento de formas organizacionais distintas e ao estabelecimento de novas relações entre os indivíduos, estejam eles em funções laborais ou simplesmente no exercício da cidadania. A tendência dos setores de Informação, Eletrônica e Comunicações indica o advento de grandes bancos de dados interligados em redes nacionais, em associação a seletivos serviços personalizados de informação voltados para usuários de interesses específicos. Em conseqüência, as mais recentes tecnologias, que permitem o acesso quase indiscriminado ao uso da informática, isoladamente ou associado às telecomunicações, dentro e fora das instituições, impõem a necessidade de profissionais aptos a usarem estas possibilidades e a geri-las para outros indivíduos ou organizações. No entanto, é difícil hoje identificar, dentre os atualmente graduados pelas instituições de ensino superior, indivíduos com o perfil profissional adequado à gestão de processos e produtos de Informação, Eletrônica e Comunicações, numa organização de qualquer natureza.

Situados entre as tradicionais profissões de bibliotecário, arquivista, programador e analista, os novos profissionais – que podem ser chamados de informatas – deverão circular num campo multidisciplinar e multiprofissional em que se encontram hoje, mais bem estabelecidos, principalmente bibliotecários, arquivistas, administradores, engenheiros e uma grande massa de indivíduos com ou sem formação superior, que desenvolveram ou procuram desenvolver a capacidade de criar, produzir e gerir produtos e processos de Informação, Eletrônica e Comunicações.

Estas pessoas ocuparam um espaço laboral momentaneamente vazio, mas sob fulminante e ascendente pressão por parte de empresas e organizações governamentais e não-governamentais. A tecnologia evoluiu e abriu possibilidades amplas de prestação de novos serviços. Crescera a necessidade de captar, filtrar, tratar, recuperar, distribuir, disseminar informações de tal forma que a gestão da informação passou a ser atividade vital para qualquer organização da sociedade, nos âmbitos internacional, nacional e também no local. Entretanto, não havia indivíduos formalmente preparados para a execução dessas tarefas. Instigada e atraída pela força do mercado e também pelo fascínio tecnológico, considerável força de trabalho deslocou-se para o setor. Os indivíduos componentes dessa massa migrante passaram então a desempenhar importante papel social, econômico e cultural.

A sociedade e o mercado exigem hoje, contudo, profissionais adequadamente preparados, com a necessária chancela do sistema de ensino superior brasileiro, e capazes de gerir, tratar e disseminar a informação, utilizando plena e convergentemente as conquistas tecnológicas do ser humano nos setores de informática, comunicações e eletrônica. Exige-se, portanto, a formação de informatas, isto é, profissionais capazes de:

- monitorar informações sobre o ambiente social, cultural, político, econômico e de mercado;
- exercitar visão crítica sobre a produção, distribuição e consumo de informação, porque somente com esta visão poderão produzir, selecionar, organizar e disseminar adequada e eficientemente a informação;
- analisar o conteúdo e dialogar com a fonte ou produtor e o consumidor sobre a qualidade da informação obtida e seu adequado tratamento;
- dominar dois níveis de linguagem: a terminologia da fonte ou produtor e a linguagem para comunicação com o público;
- combinar competência de gerenciamento e tratamento de informações com o domínio de uso das tecnologias de Comunicações e Eletrônica;

- valorizar o conhecimento sobre o ambiente em que vivem, buscando identificar possíveis facilidades e dificuldades ao exercício de sua missão;
- enfatizar o uso da informação como uma vantagem competitiva para o indivíduo e as organizações na sociedade;
- sinalizar necessidades de mudança para a sociedade e particularmente para a comunidade social ou organizacional em que vivem;
- reconhecer o valor econômico e político da informação.

Neste sentido, o informata terá de ser um estrategista, com capacidade de captação, compreensão, análise crítica e interpretação da realidade, dentro de uma perspectiva histórica, apresente-se ela sob a forma de eventos, notícias, idéias, dados, imagens, sons, mensagens ou documentos de qualquer tipo. Daí porque se deve pretender que estes novos profissionais sejam indivíduos inteligentes, inovadores, flexíveis e criativos.

Nas organizações, a presença de profissionais com o perfil aqui traçado deverá evitar os gastos excessivos originados da duplicação de dados e do fracionamento dos serviços de informação, conflitos de poder e desinformação. Como se sabe, a informação certa, no momento certo, evita erros e otimiza o uso dos recursos disponíveis, possibilitando economia, eficiência, eficácia e melhoria da produtividade. A eles caberá dar suporte ao monitoramento de informações sobre o ambiente social, cultural, político, econômico e de mercado. Deverão igualmente socializar a informação, quebrando a cadeia de poder dentro sociedade, da comunidade ou da organização, transformando as informações em impulsos de poder e melhorando seu nível de tratamento e gerenciamento.

Estes novos profissionais devem também ser capazes de exercitar visão crítica sobre a produção, distribuição e consumo de informação, porque somente com esta visão eles poderão produzir, selecionar, organizar e disseminar adequada e eficientemente a informação. A regra básica de seu exercício profissional será a consideração de que o benefício da informação deve ser maior que seu custo. Isto é, deverão ser capazes de analisar o conteúdo e dialogar com o especialista sobre a qualidade da informação obtida e seu adequado tratamento. O informata deve, além disso, dominar a terminologia interna do especialista e a linguagem para comunicação com o público não especializado, bem como ser capaz de combinar a gestão de informações com o domínio de uso das tecnologias.

O informata manejará também informações que nem sempre estão registradas, necessitando localizar, captar, selecionar, organizar, transformar e disponibilizar pelos

meios próprios, no tempo certo, a informação desejada. Ou, em outras palavras, ele deverá saber o que cada um quer, como e quando, e também o que é relevante, de acordo com a estrutura da organização em que trabalhe, suas metas, objetivos, contexto no qual está envolvida e público a que serve. Deverá igualmente estar diretamente envolvido com o “ambiente informativo” e os recursos informativos, dando-lhes coesão e coerência. Sua principal missão será transformar informação em conhecimento e ação.

A FORMAÇÃO DO INFORMATA

O Artigo 53 da Lei de Diretrizes e Bases e seu parágrafo único asseguram a autonomia didático-científica das Universidades, transferindo para seus colegiados de ensino e pesquisa decidir sobre: criação, expansão e extinção de cursos; ampliação e diminuição de vagas; elaboração de programas de cursos; programação das pesquisas e das atividades de extensão; contratação e dispensa de professores; planos de carreira docente.

Extingue-se assim a necessidade de cumprir um currículo mínimo e uma carga horária rígida, o que proporciona às universidades dar início a um processo de reformulação de seus cursos de graduação, para melhor atender tanto às demandas do mercado quanto às aspirações individuais de formação profissional.

Tal reformulação deve ser coerente com o desenvolvimento do conhecimento técnico e científico, com o patamar de aperfeiçoamento que cada universidade alcance a cada etapa de seu plano estratégico, bem como com suas diretrizes, planos gerais e programas de trabalho específicos. O importante é que sejam ultrapassadas as normas e conteúdos estabelecidos pelo antigo CFE e que se ouse, no exercício da autonomia didático-científica, quebrar paradigmas, tendo como norte o atendimento das demandas da sociedade e do mercado e a missão maior de capacitar o aluno para competir e inovar.

Além disso, levando em conta a notória convergência que existe entre o perfil desejado para informata e o dos já existentes profissionais da área da ciência da informação, informática e comunicações, parece sensato pensar-se numa revisão mais ampla, de caráter estrutural. É possível que um tronco comum de conhecimentos básicos na área de ciência e tecnologias da informação e das comunicações possa levar a um flexível e contemporâneo currículo. A segura formulação deste tronco comum permanente permitiria às universidades extinguir e criar novas habilitações de acordo com o desenvolvimento científico e tecnológico e as oscilações das demandas da sociedade e do mercado.

Neste sentido, poder-se-ia seguir alguns passos preparatórios, tais como:

- definir o perfil desejável para informatas, levando em conta que deverá ser um profissional com habilidades multidisciplinares, com conhecimento e domínio da evolução tecnológica em Informática, Comunicações e Eletrônica, com capacidade gerencial, motivação profissional, criatividade, capacidade de se antecipar à demanda do meio ambiente e de adaptar seu perfil a novas demandas;

- refletir um programa filosófico/estratégico de tal forma que não se abandone totalmente o passado – tomado como provedor de processos e cultura pedagógicos históricos do ensino nas áreas de Comunicações e Ciência da Informação – e se vislumbre o futuro com diversidade de atividades/funções e ocupações para os profissionais das respectivas áreas;

- aperfeiçoar o sistema de ensino fazendo uso mais intensivo de recursos audiovisuais, práticas e atividades extraclasse, com o acesso a redes e bases de dados não só na biblioteca e em laboratório, mas também na própria sala de aula; isto significará também o convívio diário com tecnologias de Informática, Comunicações e Eletrônica, enquanto ferramentas para toda e qualquer área de atuação profissional, e preocupação e postura interdisciplinar, em que aportes teórico-metodológicos de áreas de interface como Administração, Linguística, Comunicação Social, Economia e Política concorrerão para o desenvolvimento das atividades profissionais;

- revisar continuamente os currículos e programas, a fim de adaptá-los à realidade em transformação, eliminando disciplinas e conteúdos desnecessários e incluindo novos conhecimentos; conceber o estágio como um espaço de vivência profissional, em que o educando tem a oportunidade de aplicar os conteúdos veiculados pelo curso em situações concretas;

- rever a estrutura curricular da graduação buscando principalmente: máxima integração entre a graduação, a pesquisa, a extensão e a pós-graduação; estrutura curricular flexível, com pré-requisitos, carga horária e créditos reduzidos, incorporando como carga horária as atividades desenvolvidas pelos alunos nos programas acadêmicos extraclasse, extensão e estágios não-curriculares; estimular o aluno ao cultivo da autonomia na busca do conhecimento; criação de um núcleo teórico básico, um núcleo que abranja os processos, considerando a contínua evolução tecnológica, e um núcleo humanístico e filosófico, particularmente voltado para a ética, a cultura e a sociedade contemporâneas.

Como estratégia de formulação e implantação do projeto definitivo do curso, propõe-se a realização de:

- painel reunindo executivos de organizações públicas e privadas, incluindo tomadores de decisão;

- painel reunindo especialistas em informação, dentre os quais bibliotecários, museólogos, jornalistas, relações públicas, publicitários, produtores editoriais, profissionais de marketing, analistas de sistemas, gerentes de centros de análise de informação;

- entrevistas com gerentes intermediários e da alta administração de organizações públicas e privadas.

Em termos de conteúdo, poderiam ser propostos quatro blocos de conhecimento:

- teorias e metodologias da informação e das comunicações (compreendendo também elaboração e execução de projetos de pesquisa, análise e avaliação de informações);

- informação, estado e sociedade (relação com a democracia, políticas públicas, regulamentação da Informática e das Comunicações, Economia Política da Informação e das Comunicações, Ética, História e Cultura);

- tecnologias de informação e das comunicações (evolução tecnológica do setor, bancos de dados, redes computacionais, infra-estrutura multimídia, processamento e comunicação de textos, sons e imagens, tecnologias de armazenamento de informação);

- informação e organização (planejamento e modelos de sistemas de informação, modelos de gestão de recursos informacionais e processos comunicacionais, informação e planejamento estratégico, custo de informação, acompanhamento e avaliação de projetos).

CONCLUSÃO

Os fenômenos contemporâneos da globalização, privatização e liberalização estão assentados num desenvolvimento científico e tecnológico vertiginoso. Uma das características deste desenvolvimento é a convergência tecnológica na área da Informática, Comunicações e Eletrônica. Esta convergência não é apenas tecnológica, mas também de investimentos na concepção, produção e venda de produtos e serviços de informação e comunicação. As práticas profissionais estão atreladas a isto. A convergência de capitais e tecnologias necessita de operadores, criadores, produtores, gestores que não apenas dominem as tecnologias, mas sobretudo compreendam seu caráter convergente e favoreçam seu uso pelo consumidor de modo também convergente. A convergência passou a ser, pois, além de um componente econômico e tecnológico no processo de produção, também um atributo e um condicionador das práticas profissionais no campo da Informação e das Comunicações.

Esta configuração determina uma proximidade muito maior do que a anteriormente existente entre as profissões que compõem este campo, porque elas cada vez mais

tendem a interagir. No momento é ainda nítida a linha divisória entre os profissionais da Informação e os da chamada área de Comunicação Social. O profissional da Informação tem tido a missão de contribuir para a integração do cidadão à sociedade, aumentando sua capacidade de desfrutar os benefícios da disseminação da informação e de utilizá-la como recurso para seu desenvolvimento social, cultural e econômico. A missão do profissional da Comunicação Social tem tido historicamente componentes diferenciadores que variam da persuasão ao desempenho do papel de consciência crítica da sociedade.

Contudo, há indicadores vindos do mercado e da sociedade no sentido de que podemos estar num percurso de fusão de missões e práticas profissionais. É necessário ainda sistematizar a investigação para perceber e equacionar adequadamente os limites e possibilidades desta convergência abrangente. Porém, isto não pode mais ser retardado sob pena de permanecermos reféns das rígidas delimitações do campo profissional que absorvemos historicamente e que têm sido a base não só das corporações de trabalhadores e profissionais liberais, mas também do planejamento de ensino das instituições de ensino superior. Cabe à Universidade formar pessoas para trabalhar na criação, tratamento, administração e distribuição da informação, nos diversos formatos em que esta se apresenta: texto, imagem, som e multimídia. No momento, isto parece dirigir-se para a formação do que aqui chamou-se de informata. Em dias que ainda virão, poderemos estar pressionados pela sociedade e pelo mercado para a formação de um novíssimo profissional resultante da fusão do que, no futuro, poderá ser chamado de comunicata com o certamente então já existente informata.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALL, R. "Help wanted". *Time Magazine*. January 4, 1993, p.42.
- BARBOSA, M.L.A. "Da informação e da formação de seus profissionais". *Tecbahia*. Camaçari, v.9, n.3, 1994.
- CABRAL, A.M.R. "Sociedade pós-moderna: o poder da informação. O poder de informar". *Revista da Escola de Biblioteconomia*. Belo Horizonte, UFMG, v.21, n.2, p.213-223.
- CURRAN, J. "Mass media and democracy: a reappraisal". In: CURRAN, J. e GUREVITCH'S, M. *Mass media and society*. London, Edward Arnold, 1991, p.82-117.
- FERGUSON, M. "Foreword". In: FERGUSON, M. (ed.). *Public communication – the new imperatives*. London, Sage, 1990, p.ix-xiii.
- GOMES, M.Y. et alii. "Perspectivas profissionais face às novas tecnologias". Texto apresentado ao Congresso Nacional de Biblioteconomia e Documentação. São Luís, Maranhão, 1997.
- JORNAL DA CIÊNCIA HOJE. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 02/10/93.
- KEANE, J. *The media and democracy*. London, Polity Press, 1991.
- MARCHIORI, P.Z. "Que profissional queremos formar para o século XXI". *Inf.&Inf*. Londrina, v.1, n.1, 1996, p.27-34.
- MÜLLER, R. "Biblioteconomia: obsolescência etimológica?" *Inf.&Inf*. Londrina, v.0, n.0, p.36-41.

- SÁ, E.P. de. "Informação: evolução do modelo organizacional". *Tecbahia*. Camaçari, v.1, n.1, 1993, p.74-76.
- SANTOS, J.P. "O moderno profissional da informação: o bibliotecário e seu perfil face aos novos tempos". *Inf.&Inf.* Londrina, v.1, n.1, 1996, p.27-34.
- SMITH, A. *The age of behemoths – the globalization of mass media firms*. New York, Priority Press Publications, 1991.
- VALENTIM, M.L.P. "Assumindo um novo paradigma na biblioteconomia." *Inf.&Inf.* Londrina, 1995, v.0, n.0, p.2-6.
- VIEIRA, A. da S. "Gerência de recursos informacionais: o advento do futuro?" *Revista da Escola de Biblioteconomia*. Belo Horizonte, UFMG, v.19, n.2, 1990, p.159-170.
- VIEIRA, A. da S. et alii. "Demanda de mercado por gerentes de recursos informacionais". *Revista da Escola de Biblioteconomia*. Belo Horizonte, UFMG, v.19, n.2, 1990, p.295-306.
- _____. "Lançando a semente do curso de GRI na UFMG". *Revista da Escola de Biblioteconomia*. Belo Horizonte, UFMG, v.19, n.2, 1990, p.253-272,.
- VITRO, R. "Towards a knowledge-based development strategy". *Update*. New York, United Nations Centre for Science and Technology for Development, n.29, 1987.
- _____. "La industria de la información. Negocio de la democracia". *Manejo de la Información*. Buenos Aires, ano 5, n.45, 1994.